

Pentecostalismo e Ecumenismo: algumas observações

Pentecostalism and Ecumenism: Some comments

André Luís da Rosa¹

RESUMO

Num primeiro momento, a partir de uma visão fundamentada no senso comum, muitas pessoas afirmam que o pentecostalismo não possui relação alguma com o ecumenismo. Todavia, fazendo um resgate das origens desse movimento, percebe-se que sua espiritualidade era ecumênica e ainda há nela elementos que podem contribuir com o ecumenismo. Assim, para demonstrar essa ideia, esse artigo apresenta, primeiramente, alguns dados sobre a origem ecumênica do pentecostalismo e, na sequência, o fechamento do mesmo ao movimento ecumênico em sua história. Por fim, apresenta algumas participações e iniciativas pentecostais em movimentos ecumênicos e algumas reflexões de teólogos pentecostais latino-americanos que tem discutido a questão da relação entre o pentecostalismo e o ecumenismo.

PALAVRAS-CHAVE

Pentecostalismo. Ecumenismo. Diálogo.

ABSTRACT

Many people based on common sense claim that Pentecostalism is not in any way related with the ecumenism. However, turning back to the origins of this movement, it is possible to realize that its spirituality was a ecumenic one, and it still has elements that can contribute to the Ecumenism.

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes. Licenciado em Ensino Religioso pela Faculdade Paulista São José (Formação Pedagógica para Docentes). Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz. Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais – Núcleo Brasil (RELEP).

So, to demonstrate this idea, this paper presents, firstly, some data about the Ecumenic origin of the Pentecostalism and, secondly, its restriction to the ecumenic movement in its history. Finally, it presents examples of participation and initiative of Pentecostals in the ecumenic movements and some reflections of Latin American Pentecostal theologians who have discussed the relation between Pentecostalism and Ecumenism.

KEYWORDS

Pentecostalism. Ecumenism. Dialogue.

1. A origem ecumênica do pentecostalismo

Diversos autores que têm refletido sobre o pentecostalismo e a unidade dos cristãos tem enfatizado que a natureza do movimento pentecostal é ecumênica, inclusiva, pois, como explica o pastor pentecostal Roger Cabezas, “o pentecostalismo é mais que uma doutrina (uma confissão), é uma maneira de viver e experimentar a fé cristã que emergiu do seio de diversas tradições confessionais”².

Magali Cunha, analisando a teologia de Willian Seymour pregada na missão da Rua Azusa, conclui que, para ele, “falar de Pentecostes era falar de unidade, de pessoas que se encontravam e se entendiam”³. Seymour estava atento à questão da unidade que a experiência do Espírito promovia. Por isso, o princípio do pentecostalismo estava em sintonia com o princípio do ecumenismo. Esta foi a razão pela qual estes primeiros grupos se autodenominavam *movimento* ou *missão* e não *denominação*⁴. Outro fenômeno que demonstra a origem inclusiva do pentecostalismo na Rua Azusa é a quebra de barreiras como as de classe e raça, pois não se levava em conta o imenso abismo econômico e o forte

² CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996. p. 32.

³ CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, v. 25, n. 40, p. 33-51, jan/jun, 2011. p. 39.

⁴ Cf. CUNHA, 2011, p. 39-40.

segregacionismo existente nos EUA, bem como a barreira de gênero, pois as mulheres tinham o mesmo status ministerial que os homens⁵. Assim, nas palavras de Gedeon Alencar e Maxwell Farjado: “nos dois mitos fundantes mais conhecidos da história do pentecostalismo, um antigo e um moderno, existe uma marca: a indistinção de raça, classe e gênero”⁶.

Juan Sepúlveda, para fundamentar que o pentecostalismo foi um movimento ecumênico em sua origem, analisa o termo ecumenismo que provém do termo grego *oikoumene* e significa casa habitada ou a casa de todos os viventes. Por isso, segundo ele, dizer que algo é ecumênico significa que esse algo alcança toda a espécie humana, é universal. A partir dessa definição, Sepúlveda argumenta que, analisando as origens do pentecostalismo à luz do termo ecumenismo, pode-se perceber que ele foi em si mesmo, em mais de um sentido, um movimento ecumênico⁷. Para tanto, apresenta as seguintes características do nascente movimento pentecostal:

1. *Interdenominacionalidade*: a origem do movimento pentecostal moderno e do movimento de santidade que o precedeu desenvolveram-se em um ambiente claramente interdenominacional, no qual a busca comum pela mesma experiência religiosa, o batismo no Espírito Santo, deixava as diferenças confessionais em um segundo plano. Esses movimentos não tinham como seu propósito fundar uma nova tradição cristã, mas renovar as igrejas tradicionais⁸.
2. *Internacionalidade*: apesar de se falar de uma origem comum nos Estados Unidos do pentecostalismo, Sepúlveda afirma que hoje existem claras evidências de que houve, desde o começo, diversos pentecostalismos que iniciaram na Europa, América Latina,

⁵ Cf. ALENCAR, Gedeon Freire de; FARJADO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero. *Estudos de religião*. São Paulo: UMESP, v. 30, n. 2, p. 95-112, maio/ago, 2016. p. 95.

⁶ ALENCAR, 2016, p. 96.

⁷ Cf. SEPÚLVEDA, Juan. Pentecostalismo atual e ecumenismo. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p.108-109.

⁸ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109.

África Oceania e Ásia. Também o grande ímpeto missionário que o movimento pentecostal teve desde o princípio, aprofundou ainda mais seu caráter internacional⁹.

3. *Interculturalidade*: como consequência do anterior, desde cedo o pentecostalismo expressou-se através de uma enorme diversidade cultural. A importância dada pela teologia pentecostal à liberdade do Espírito Santo abriu espaço para que cada cultura expressasse seu louvor e adoração de acordo com suas formas de compreender a vida. Dessa forma, rompia-se o monopólio dos estilos próprios da cultura europeia e anglo-saxônica¹⁰.

2. O fechamento do pentecostalismo ao movimento ecumênico

Como consequência de diversos fatores históricos, o pentecostalismo passou a se fechar às outras tradições cristãs. Desde o início os pentecostais foram menosprezados, seja pelo catolicismo, pelo protestantismo histórico ou pela sociedade de modo geral. Foram rotulados como *fanáticos religiosos, sensacionalistas, irracionais, alienados*. Gedeon Freire de Alencar comenta:

ao longo dos séculos, foi realizada uma construção ideológica, exógena, simplista e invariavelmente estereotipada sobre o mundo oriental. [...] Algo semelhante aconteceu – e ainda se repete – com o fenômeno pentecostal, conquanto mais grave do que os preconceitos ideológicos e simplificações exóticas, são as hipóteses colocadas, dogmáticas e genericamente, sobre o assunto¹¹.

Isso ocorreu desde os eventos considerados como o marco inicial do pentecostalismo moderno, a missão na Rua Azusa. Segundo o historiador pentecostal Vinson Synan, o jornal *Los Angeles Times*, no dia 18 de abril de 1906, publicou uma matéria apresentando o movimento da Rua Azusa com as seguintes expressões: ‘esquisita babel de línguas’, ‘nova

⁹ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109.

¹⁰ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109-110.

¹¹ ALENCAR, 2013, p. 15.

seita de fanáticos à solta’, ‘cena grotesca ontem à noite na Rua Azusa’, ‘gorgolejos ininteligíveis falados por uma irmã’¹². Desta forma o pentecostalismo foi apresentado ao mundo pela primeira vez.

Por isso, por terem sua experiência de fé ridicularizada, os pentecostais passaram a considerar as outras igrejas como meras instituições humanas, sem a ação do Espírito Santo e, em alguns casos, até anticristãs. Desta forma, criou-se a mentalidade de que todo pentecostal é um cristão, mas nem todo cristão é um pentecostal. Esta afirmação encerra a dificuldade de que há diferença entre a fé cristã ordinária e a fé pentecostal, sendo que: a primeira é confessada de maneira débil, a segunda de uma maneira total; a primeira é simples e superficial, a segunda é completa e profunda; a primeira é fruto do esforço humano, a segunda é sobrenatural¹³.

Analisando o discurso pentecostal acerca do catolicismo, mas que em alguns casos pode ser aplicado ao protestantismo histórico, Juan Usma Gómez, apresenta as seguintes considerações: 1 – um pentecostal, por ser pentecostal, considera-se um verdadeiro cristão – um católico, por ser católico, não é necessariamente um cristão; 2 – um pentecostal tem a certeza da salvação porque aceitou a Jesus em seu coração – a maioria dos católicos não são salvos, pois dificilmente se escuta dizerem: “Jesus é meu Senhor e Salvador”; 3 – um pentecostal tem uma vida reta e santa – um católico não, possui uma ética laxista; 4 – um pentecostal sabe quando, como e onde encontrou o Senhor (em outras palavras, sabe quando se converteu) – um católico sabe quando foi batizado, mas não consegue identificar o momento de conversão a Jesus Cristo; 5 – um pentecostal sabe que foi *tocado por Deus* e espera sua volta iminente – nem todos os católicos se interessam pela missão e, certamente, não acreditam na vinda iminente de Jesus; 6 – um pentecostal tem que ser membro ativo de sua congregação – um católico pode passar no anonimato em sua comunidade¹⁴.

¹² Cf. SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. Tradução: João Canto. São Paulo: Vida, 2009. p. 59.

¹³ Cf. GÓMEZ, Juan Usma. El pentecostalismo en Latinoamérica: identidad y perspectiva ecumênica. *Teologia em Questão*. Taubaté: Faculdade Dehoniana, a. 7, n. 14, p. 79-93, 2008. p. 89-90.

¹⁴ Cf. GÓMEZ, 2008, p. 81.

Logo, quanto ao ecumenismo, naturalmente, como comenta Mariano, os pentecostais, que no passado sofreram perseguição religiosa, sendo vítimas de preconceitos e discriminação, desconfiam das intenções dos novos interlocutores, sobretudo da Igreja Católica¹⁵. Demonstrando o sentimento antiecumênico presente no pentecostalismo latino-americano, David Mesquiati registra em seu artigo sobre o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho de 2012 que quando abordou-se o tema do ecumenismo, alguns pentecostais questionaram: “se vamos considerar os católicos e protestantes históricos como cristãos e irmãos, a quem iremos pregar na América Latina?”¹⁶

3. O Pentecostalismo e sua participação no movimento ecumênico

Além de ressaltar a natureza ecumênica do pentecostalismo e seu processo de fechamento ao diálogo, deve-se lembrar que, apesar das objeções do movimento pentecostal para com o movimento ecumênico e das igrejas membros do movimento ecumênico para com as igrejas pentecostais, ele sempre teve alguma (mesmo que mínima) participação ecumênica. Por exemplo, na primeira e segunda assembleias do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Donald Gee, pastor da Assembleia de Deus dos EUA se fez presente, mesmo que participando de modo não oficial. Já na terceira assembleia, em 1961, participou representando oficialmente a Conferência Pentecostal Mundial. Outra liderança pentecostal que se destacou por sua participação no CMI foi o pastor sul-africano da Assembleia de Deus, David du Plessis¹⁷. Também na terceira Assembleia Geral do CMI, quatro igrejas pentecostais tornaram-se membros plenos do Conselho. Duas delas eram latino-americanas: a Igreja Pentecostal do Chile e a Missão Igreja Pentecostal, também do Chile. Ambas já haviam participado do Conselho Evangélico do Chile e de reuniões ecumênicas regionais¹⁸.

¹⁵ Cf. MARIANO, 1996, p. 71.

¹⁶ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais e a mesa de debate: o caso do fórum pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC). *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville: Refidim, v. 4, n. 2, p. 9-22, 2013. p. 19.

¹⁷ Cf. CUNHA, 2011, p. 42-43.

¹⁸ Cf. PLOU, 2002, p. 89.

Na oitava Assembleia do CMI, em Harare, 1998, foi reconhecida a necessidade de consolidar as relações já existentes com as igrejas pentecostais e criar novas relações com os Pentecostais. Para tanto, foi criado o Grupo Consultivo Misto entre o CMI e Pentecostais. A primeira fase de encontros aconteceu entre 2000 e 2005. Seus resultados foram apresentados na Assembleia do CMI em Porto Alegre – RS, em 2006, onde se apoiou a continuação do mesmo. A partir de 2007 o grupo passou a se reunir anualmente¹⁹. E na América Latina, quando se decidiu pela formação do Conselho Latino-Americano de Igrejas em 1978, 25% dos participantes eram pentecostais. Na assembleia constitutiva do CLAI quatro anos depois, os pentecostais constituíram a maior delegação por denominação, participando com 28 representantes²⁰. Segundo Sepúlveda, a participação de Igrejas pentecostais latino-americanas, especialmente as chilenas, no CMI e no CLAI gerou uma reação crítica do pentecostalismo mundial, mas foram pioneiras²¹, pois participam ativamente do processo de libertação e do movimento ecumênico²².

Outra atual e importante iniciativa ecumênica é o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC), que surgiu com o apoio do Fórum Cristão Mundial (FCM), como um esforço pela unidade dos pentecostais no continente²³. Seu primeiro encontro aconteceu em Lima, Peru, no mês de agosto de 2011²⁴. O FCM foi iniciado pelo CMI, mas é

¹⁹ CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. *X Asamblea Del Consejo Mundial de Iglesias*. Busan: CMI, 2013. p. 151-153.

²⁰ Cf. DIAS, Zwinglio M. Perseguindo a utopia: alguns marcos decisivos na trajetória do Movimento Ecumênico na América Latina e no Caribe. In: SINNER, 2009, p.127.

²¹ Cf. SEPÚLVEDA, Juan. Relaciones de las Iglesias Pentecostales con otras tradiciones cristianas em América Latina. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014. p. 13.

²² Cf. TIEL, 1998, p. 31.

²³ Cf. MEDOZA, Richar. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, 2015, p. 9.

²⁴ Depois do primeiro encontro constituiu-se um comitê e se elaborou um programa de quatro encontros sub-regionais: o encontro do Cone Sul, na Isla de Maipo, Chile, em 2012; o encontro da Região Andina, em Bogotá, Colômbia, em 2013; o encontro Mesoamérica e Caribe, em Pachuca, México, em 2014; e o encontro da sub-região do Brasil, São Paulo, em 2015. Todos estes encontros culminaram com a realização do encontro continental do FPLyC no Panamá, entre 21 e 24 de novembro. Neste evento fizeram-se presentes cerca de dez brasileiros. Cf. BEEK, Hebert Van.

um processo autônomo e que já não depende do CMI, está sob a responsabilidade de um comitê internacional autônomo. Ele surgiu em 1998 como uma tomada de consciência de que o Cristianismo mudou muito desde o início do movimento ecumênico, em especial com o surgimento do movimento pentecostal-carismático. Por isso, nos encontros do FCM, 50% dos representantes devem ser de igrejas pentecostais, carismáticas e independentes, e os outros 50% das igrejas participantes do movimento ecumênico, incluindo a Igreja Católica²⁵. O FPLyC possui como alguns de seus objetivos: promover o encontro e o diálogo em nível nacional, sub-regional, regional e mundial dos pentecostais e entre eles e as demais famílias cristãs; criar instâncias de encontro com pentecostais de outras regiões do mundo; promover a reflexão sobre a teologia, prática e memória histórica do pentecostalismo latino-americano; facilitar o diálogo entre líderes pentecostais e estudiosos do pentecostalismo latino-americano²⁶. Sobre essa iniciativa, David Mesquiati comenta que: “esse esforço de reunir os pentecostais e partilhar a mesa ainda não recebeu apoio massivo, mas é um claro sinal desse novo tempo de maior percepção da pluralidade e da necessidade de aprender a caminhar juntos”²⁷.

Ainda uma outra iniciativa ecumênica de pentecostais latino-americanos é a Rede Latino Americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Ela surgiu em 1996, através de pentecostais acadêmicos que pesquisavam o pentecostalismo latino-americano e tinham o desejo de formar um grupo de pentecostais, de maneira coordenada, para aprofundarem os estudos sobre o tema. Ela está composta por acadêmicos crentes e não crentes das diversas áreas das Ciências Humanas, constituindo-se como uma Rede aberta, plural, inclusiva, multidisciplinar e ecumênica²⁸. No Brasil,

O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, 2015, p. 25-26. / VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. *Invitación al “Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016”*. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso: 12 dez. 2016.

²⁵ Cf. BEEK, 2015, p. 14-15.

²⁶ Cf. CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, 2015, p. 34.

²⁷ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016^a, p. 314.

²⁸ Cf. CHIQUETE, José Daniel. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, 2013, p. 12-13.

o primeiro encontro ocorreu em 2012, organizado por David Mesquiati de Oliveira, teólogo assembleiano, na época doutorando pela PUC-RJ. Nos encontros da RELEP-Brasil já participaram cientistas sociais, teólogos pentecostais, metodistas, batistas, de igrejas autônomas e católicos carismáticos²⁹. Assim, a RELEP tem sido uma importante instância para a produção e divulgação de trabalhos acadêmicos sobre os diversos pentecostalismos, para o diálogo com todas as pessoas e instituições que interessam-se por compreender o pentecostalismo e para a consolidação de uma identidade pentecostal ligada às suas raízes regionais³⁰.

4. Esboços de uma teologia pentecostal ecumênica

A participação de pentecostais nestes e outros organismos ecumênicos tem promovido o desenvolvimento de uma teologia pentecostal ecumênica, a partir de suas linguagens próprias. Em nível latino-americano, um autor que merece destaque, ao se falar sobre a relação entre pentecostalismo e ecumenismo, é o teólogo pentecostal peruano Bernardo Campos. Ele tem refletido sobre o pentecostalismo e a unidade dos cristãos a partir de uma categoria que denomina *pentecostalidade*. Para ele, a pentecostalidade diz respeito a toda prática religiosa moldada pelo acontecimento de Pentecostes, entendida como uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (*arquê* ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial³¹. A pentecostalidade é o princípio pentecostal (sua experiência religiosa), e os pentecostalismos (igrejas, movimentos, ministérios, etc.) são as formas históricas assumidas pela pentecostalidade. Logo, para Campos:

em sua qualidade de “princípio”, a pentecostalidade em si mesma rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser sua expressão única (exclusiva) ou que pretenda

²⁹ ALENCAR, 2013, p. 17.

³⁰ OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, 2014, p. 7.

³¹ Cf. CAMPOS, 2002, p. 85.

convertê-la em *seu* absoluto, negando a outros a possibilidade de fundamentar-se também nela (inclusividade)³².

Assim, a experiência pentecostal (a pentecostalidade) é ecumênica em si mesma, pois não é exclusiva de uma única denominação. A partir disso, na perspectiva ecumênica de Bernardo Campos, deve-se trabalhar pelo encontro entre todos os pentecostais, mas não pode-se contentar com um ecumenismo puramente pentecostal. O pentecostalismo deve entender-se como parte do Cristianismo e dialogar com as outras tradições cristãs³³. Além disso, Campos ainda fala de uma pentecostalidade universal, segundo a qual o pentecostalismo deve dialogar também com todas as religiões e com a humanidade de modo geral³⁴.

No Brasil, também está se desenvolvendo um pensamento pentecostal ecumênico e inter-religioso. Apresento aqui algumas ideias de dois autores pentecostais, ambos assembleianos, David Mesquiati de Oliveira e Adriano Sousa Lima. Deve-se ressaltar que esses autores não falam em nome de todo o pentecostalismo, nem oficialmente em nome de suas denominações, todavia, falam com a consciência de pertencer à família pentecostal.

David Mesquiati aponta que, “nas últimas décadas, os pentecostais começam a perceber que para se relacionar com outros grupos religiosos necessitam de uma linguagem comum, que pode ser via academia (estudos formais) e/ou via convivência [...] Dessa forma o discurso teológico pode ser um meio de comunicação e de diálogo”.³⁵ Por isso, o pentecostalismo deve desenvolver uma teologia que seja dialógica, superando o tom metafísico, absoluto, inquestionável e assumindo o diálogo como um valor, reconhecendo que pode aprender com os outros³⁶. Com uma

³² CAMPOS, 2002, p. 85.

³³ Cf. CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostalismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, 2015, p. 27.

³⁴ Cf. CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad en América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, 2014, p. 36.

³⁵ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, p. 53-74, jul/dez, 2016b. p. 70.

³⁶ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, 2014, p. 31-33.

teologia dialógica, o pentecostalismo também desenvolverá um modelo de missão comunicativo, onde o encontro com o outro deve estar pautado no respeito pela diferença, pela provisoriabilidade das sistematizações, pela superação de conflitos e por uma atitude de escuta, que possibilite a criação de pontes com pessoas de outras religiões³⁷. Assim, segundo o autor, para uma abertura do pentecostalismo ao ecumenismo, deve-se abandonar sua antiga compreensão de ecumenismo e entender que a unidade da Igreja não é um simples projeto de um grupo, ou uma moda dos tempos pós-modernos, ou um plano conspirador velado, mas é um desejo expresso por Jesus e um testemunho ao mundo³⁸.

Adriano Lima parte da ideia de que o crescimento do pentecostalismo se deu em um contexto de pluralismo. Logo, “a diversidade cultural e religiosa exige que a teologia pentecostal tenha uma postura dialógica com as outras religiões”³⁹. Por isso, o relacionamento com as outras tradições religiosas deverá passar do sectarismo, fundamentalismo e fechamento para uma busca de aproximação, diálogo e cooperação. Embora ainda não seja possível visualizar quando o pentecostalismo de fato se abrirá para o diálogo com outras religiões no Brasil sem uma finalidade proselitista⁴⁰. Em suas reflexões, ele aponta algumas questões que devem ser superadas no pentecostalismo para uma abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, como: a *superação da leitura fundamentalista da Bíblia*, pois a linguagem bíblica deve ser traduzida para uma linguagem atualizada e compreensiva ao homem pós-moderno, que amplie os horizontes do pentecostalismo; e o *engajamento no mundo*, pois o pentecostalismo já é uma das maiores tradições religiosas do Brasil e pouco ou quase nada tem feito pelo país. Para reverter essa situação, o pentecostalismo deve rever seus conceitos e entender que Pentecostes possui uma dimensão de engajamento social, que deve

³⁷ Cf. OLIVEIRA, 2016a, p. 332.

³⁸ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4. 1-6. In: OLIVEIRA, 2015. p. 140.

³⁹ LIMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, 2014, p. 35.

⁴⁰ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, 43-52, jan/jul, 2014. p. 44-45.

acontecer em diálogo com as outras tradições religiosas que convivem na mesma sociedade⁴¹.

E, como caminhos para o engajamento pentecostal no diálogo, Lima aponta alguns caminhos, baseados na vitalidade espiritual do pentecostalismo: a *comunhão com Deus*, pois o pentecostalismo possui sua centralidade na espiritualidade, na busca da comunhão com Deus. Elemento este, que, recorda Lima, está presente em todas as religiões, sendo que elas também estão em busca de comunhão com Deus, com o Transcendente, com o Absoluto. O pentecostalismo deve compreender isso como uma riqueza e não imaginar que as outras espiritualidades são obras do diabo. E o *serviço cristão*: os pentecostais devem compreender que o Reino de Deus entendido profundamente diz respeito a todos os seres humanos, todas as culturas e religiões. Dessa forma, todas as vezes que os cristãos e as pessoas de outras tradições religiosas trabalham juntos pela causa dos direitos humanos, da libertação integral dos que vivem oprimidos, estão trabalhando pela construção do Reino de Deus⁴².

Essas iniciativas e recentes reflexões na teologia pentecostal brasileira, demonstram que há uma importante abertura dos pentecostais em curso.⁴³ Todavia, como recorda Luis Orellana, esse grupo trata-se ainda de um pentecostalismo ilustrado,⁴⁴ ou seja, os pentecostais que tiveram acesso a uma sólida formação acadêmica. Esses, apesar de seu crescimento são ainda poucos, mas são os que podem fazer novas pontes com as outras igrejas e com o mundo⁴⁵.

⁴¹ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1., 2013, p. 2167-2179, 2171-2172.

⁴² Cf. LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais – memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1. 2004-2017, 2014. p. 2012-2014.

⁴³ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, 2016b, p. 85.

⁴⁴ Cf. ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo y la unidad de la fe. In: ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo. *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Perú: FPLC, 2012, p. 73.

⁴⁵ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, 2016a, p. 174.

Considerações finais

Neste artigo, estabeleceu-se de modo breve a relação do Pentecostalismo com o movimento ecumênico. O Pentecostalismo surge como um movimento ecumênico, mas, com sua institucionalização e perseguição por parte de outras tradições cristãs, passou a ser conservador e excludente. Atualmente, existem pentecostalismos que fazem parte de organismos ecumênicos e um pensamento ecumênico está sendo desenvolvido entre teólogos pentecostais, inclusive no Brasil. Analisando os fatos acima constatados, ainda é impossível prever como será num futuro próximo o relacionamento do pentecostalismo com o movimento ecumênico. Pode-se apenas levar em consideração que há alguns germes de uma mudança em diversos setores eclesiais, acadêmicos e sociais. Mudanças estas que não estão partindo de iniciativas institucionais, mas da própria vivência das pessoas. Todavia, estas iniciativas não representam a totalidade dos pentecostais, ao contrário, as principais resistências pentecostais ao ecumenismo permanecem muito vivas nas bases das comunidades desta tradição – não só nas bases, mas em muitas das suas grandes lideranças.

Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire de. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013.
- ALENCAR, Gedeon Freire de; FARJADO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero. *Estudos de religião*. São Paulo: UMESP, v. 30, n. 2, maio/ago, 2016, p. 95-112.
- BEEK, Hebert Van. O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. Tradução: Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

- CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostalismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 27-31.
- CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad em América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014.
- CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996.
- CHIQUETE, José Daniel. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013.
- CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. *X Asamblea Del Consejo Mundial de Iglesias*. Busan: CMI, 2013.
- CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, v. 25, n. 40, jan/jun, 2011, p. 33-51.
- DIAS, Zwinglio M. Perseguindo a utopia: alguns marcos decisivos na trajetória do Movimento Ecumênico na América Latina e no Caribe. In: SINNER, 2009.
- IMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- LIMA, Adriano, Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, jan/jul, 2014, p. 43-52.
- LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais – memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1., 214, p. 2004-2017.

- LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1., 2013, p. 2167-2179.
- MEDOZA, Richar. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4. 1-6. In: OLIVEIRA, 2015, p. 140.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016a, p. 314.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016b.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. Vila Graciosa: Reflexão, 2016a.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, jul/dez, 2016b, p. 53-74.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo y la unidad de la fe. In: ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo. *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Perú: FPLC, 2012.
- PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- SEPÚLVEDA, Juan. Pentecostalismo atual e ecumenismo. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009.

- SEPÚLVEDA, Juan. Relaciones de las Iglesias Pentecostales com otras tradiciones cristianas em América Latina. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014.
- SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. Tradução: João Canto. São Paulo: Vida, 2009.
- TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 1998.
- VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. *Invitación al “Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016”*. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso: 12 dez. 2016.